

## RESENHA CIENTÍFICA DO LIVRO “A CONSCIÊNCIA DE UM LIBERAL” DE PAUL KRUGMAN (2007-2010).

**Autor: Fernando Rodrigo Farias** - Professor da graduação e pós-graduação do curso de Geografia da UFMS/CPAQ – Coordenador do Observatório de Geoeconomia e Análise socioespacial regional.

### 1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O economista norte-americano Paul Krugman dispensa qualquer apresentação. Além de ser prêmio Nobel de economia, é autor de mais de 20 livros, colunista do New York Times desde 1999 e professor de relações internacionais na Universidade de Princeton. Também escreve colunas para diversos jornais ao redor do mundo, incluindo o Brasil, como o jornal O Globo.

A presente resenha refere-se ao livro A Consciência de um Liberal, que, apesar de ter sido escrito em sua versão original em 2007 e lançado no Brasil em 2010, nos traz elementos importantes para entender a atual realidade geopolítica mundial no ano de 2025. O livro foi traduzido por Alexandre de Oliveira Kappaun e revisado por Ricardo Doninelli Mendes, pela Editora Record.

O livro oferece aos leitores que curtem assuntos geopolíticos e geoeconômicos uma série de peculiaridades que expandem o entendimento sobre questões conjunturais na atual realidade do século XXI, ano de 2025.

Mas, antes de elementarmos essas peculiaridades percebidas pelo autor da resenha, queremos salientar que, apesar de o livro apresentar um excelente diagnóstico da história política e econômica dos Estados Unidos no passado, presente e futuro, ele revela em sua essência uma guerra ideológica sempre em curso.

Essa guerra é traçada por diferentes grupos ideológicos, com os progressistas, propensos a serem mais democráticos, de um lado, e os conservadores, mais radicais, do outro. O resultado dessa disputa apresenta-se como uma fórmula cíclica, em que os radicais tendem a se aliar com o fascismo.

Esses grupos utilizam uma fórmula antiga, que continua funcionando: evita-se o debate sobre a diminuição do hiato social e substitui-se por questões de cunho moral, como será relatado na presente resenha.

No decorrer do livro, Paul Krugman mostra como o “movimento conservador radical” consegue vencer várias eleições, mesmo apresentando propostas extremamente impopulares, que acarretam sérios problemas ao bem-estar social da classe trabalhadora americana. Essas políticas transferem bônus financeiros aos superabastados, principalmente aos menos de 1% dos mais ricos.

O autor detalha como a sociedade americana trocou as políticas de bem-estar social, igualdade relativa e sindicatos fortes, que desempenhavam papel fundamental nesse processo, por viver com receio de ataques a esses programas e políticas econômicas e sociais que transformaram a sociedade americana em uma nação de classe média no pós-Segunda Guerra. O próprio autor exemplifica isso ao relatar como sua família deixou de morar em uma casa modesta em um bairro simples para viver em uma casa padrão classe média em bairro nobre.

O livro *A Consciência de um Liberal* é uma excelente oportunidade para entender de forma panorâmica, em uma única obra, como os Estados Unidos, enquanto país mais poderoso do mundo, conviveram com um ciclo que, até o início do século XX, apresentava uma sociedade extremamente desigual. A partir da década de 1930, o país se transformou em uma sociedade de classe média, com políticas muito favoráveis tanto para a classe trabalhadora quanto para a classe média.

Porém, a partir da década de 1970/1980, o país migra novamente para o aumento constante da desigualdade, resultado das políticas dos conservadores radicais, liderados pelos “novos republicanos” (a partir do governo de Ronald Reagan), que avançam com força para diminuir os vestígios das políticas progressistas conquistadas durante o período do New Deal.

A leitura do livro permite um diagnóstico interessante da história econômica e social dos Estados Unidos, principalmente do final do século XIX até os dias atuais. O autor descreve o período progressista pós-Segunda Guerra,

o avanço dos conservadores radicais a partir de meados da década de 1970, a tentativa de recuperação do legado do New Deal na década de 1990, durante o governo Bill Clinton, e a retomada do poder pelos republicanos, liderados por George W. Bush. Krugman analisa a utilização de estratégias políticas de “distração” durante a campanha de Ronald Reagan nos anos 1980.

Além disso, o livro faz uma breve análise dos Estados Unidos atuais (considerando o ano de 2007) e examina quais políticas os liberais americanos, comandados pelo Partido Democrata, deveriam buscar para recuperar pelo menos parte do legado que, na memória do autor, representa um país mais igualitário, com políticas sociais de assistência e uma classe média forte.

Com base nos últimos dois capítulos, podemos afirmar que o autor, em 2007, ainda mantinha certo otimismo quanto ao futuro da política americana, acreditando em uma possível volta de parte da velha coalizão política, na qual até mesmo os conservadores republicanos reconheciam parte do legado das políticas progressistas do New Deal. No entanto, atualmente, essa coalizão parece cada vez mais difícil devido à forte polarização entre democratas e republicanos, com pouquíssimo espaço para políticas de coalizão.

Certamente, os Estados Unidos, assim como várias partes do mundo (como o Brasil a partir de 2012/2014), passaram por uma série de mudanças importantes. Um exemplo disso é o avanço da extrema direita e a ascensão de extremistas ao poder, como no caso de Donald Trump em 2018. Embora tenha cedido espaço aos democratas por quatro anos durante o governo Biden, os republicanos retornaram ao poder em 2024, com promessas de implantar políticas ainda mais radicais, incluindo ataques aos imigrantes ilegais e ameaças de reavivamento de conflitos geopolíticos territoriais.

Um parêntese importante na introdução da presente resenha é que, ao ler atentamente o livro de Paul Krugman, fica claro que o termo “liberal” possui diferentes conotações. Há o liberalismo do consenso de Washington, formado pela escola de Chicago, que prega a privatização dos setores públicos e a saída do Estado da gestão econômica e social. E existe o liberal americano, que pertence ao grupo dos democratas e luta contra a destruição do bem-estar social e a privatização dos planos de saúde e seguros (Medicare e Social Security),

algo defendido pelos republicanos. Ou seja, ser liberal nos Estados Unidos significa ser um defensor ativo das políticas progressistas e da democracia, como argumenta o autor.

Uma observação importante é que, se os liberais americanos tivessem conseguido avançar em seu poder político, poderiam ter contribuído para políticas que beneficiam a maior parcela da população, ao contrário dos conservadores radicais, que governam em prol de uma minoria no topo do sistema.

O legado teórico de Paul Krugman como grande mestre da política econômica americana é fundamental para entender a geopolítica mundial. O entendimento da história política e econômica dos Estados Unidos, o país mais poderoso do mundo, é essencial para analisar a dinâmica global, incluindo a grande disputa hegemônica entre os Estados Unidos e a China. O histórico dos EUA, nos últimos tempos, tem se centrado em fatores que, talvez, prejudiquem sua condição estrutural.

Estudar como a China se desenvolveu pode ser uma maneira de compreender a tendência de mudança do centro dinâmico econômico e tecnológico mundial do Ocidente para o Oriente. Por outro lado, também é essencial entender as razões pelas quais os Estados Unidos têm dificuldades em manter seu antigo poder político, econômico e tecnológico.

Como já afirmamos, o autor do livro da presente resenha dispensa qualquer apresentação devido ao seu grande legado. Embora o economista norueguês Erik S. Reinert, em seu livro *Como os Países Ricos Ficaram Ricos e Por Que os Países Pobres Continuam Pobres* (resenha publicada neste observatório), tenha afirmado que Paul Krugman é um autor de grandes ideias, mas impossíveis de serem aplicadas na realidade, podemos afirmar, após a leitura e abstração do que consideramos essencial no livro "A Consciência de um Liberal", que Krugman apresenta um excepcional diagnóstico histórico e político dos Estados Unidos, analisando um período que envolve praticamente três séculos (XIX ao XXI).

A partir do estudo e análise do livro, é possível entender com detalhes a dinâmica geral da política econômica dos Estados Unidos entre o final do século

XIX e 2007. O autor faz previsões sobre o futuro, mas certamente não imaginava, em 2007, que o país passaria por uma guinada política tão impressionante, como a ascensão da extrema direita com Donald Trump em 2018 e 2025 novamente.

Se, nos anos 2000, durante o governo Bush, a resistência das instituições e da opinião pública impediu o fim definitivo do legado do New Deal (programas de assistência social), agora, com Trump novamente no poder, pode ser que as forças políticas conservadoras tentem enfraquecer ainda mais aquelas instituições que garantem alguma seguridade social para a população menos favorecida.

Naquele momento o autor afirmou que haveria a tendência de as políticas econômicas dos Estados Unidos entre 2005 e 2009 se concentrarem em uma minoria. Como o próprio autor afirmou, os republicanos "querem o retorno da chamada Era Dourada", responsável por abalar as estruturas políticas do período progressista.

O livro da presente resenha possui 13 capítulos, distribuídos em 344 páginas, com uma divisão estrutural: até o capítulo 9, trata-se do histórico dos Estados Unidos entre o final do século XIX e 2007, e a partir desse ponto até o final, aborda a conjuntura atual, com uma análise propositiva das políticas que os democratas/liberais poderiam adotar para recuperar parte das políticas progressistas já conhecidas no país.

A metodologia utilizada para a presente resenha constituiu-se:

- Leitura do livro com anotações preliminares dos principais pontos e ideias em cada um dos 13 capítulos.
- Análise e sistematização textual para a produção da presente resenha.

A resenha pode ser considerada longa, mas o objetivo de publicações de resenhas é apresentar, ao máximo, o conjunto de ideias e conteúdo dos livros analisados, contribuindo para o crescimento pessoal dos leitores.

## **2- ANÁLISE DO CONTEÚDO DO LIVRO A CONSCIÊNCIA DE UM LIBERAL.**

Paul Krugman inicia o livro fazendo um relato do comportamento de sua juventude na década de 1950, afirmando que “como muitos da minha geração,

proteste contra as verdadeiras injustiças da nossa sociedade, marchei contra o bombardeio do Camboja, fui de porta em porta fazendo campanha política para candidatos liberais”.

O autor menciona como era a sociedade americana no pós-Segunda Guerra, ou seja, uma sociedade de classe média, com altos salários, retirando milhões de pessoas da pobreza. Ele afirma que um grande número de famílias abandona os subúrbios e a classe média adquire a sua casa própria, incluindo a família do autor. Ou seja, a classe média, de uma maneira geral, conquista uma vida de conforto sem precedentes.

Vive-se nos Estados Unidos um período em que reina uma governança formada por uma “coalização bipartidária de homens que comungam de valores fundamentais”, onde os republicanos não mais desfazem os avanços e as conquistas geradas pelo New Deal, que é liderado pelos democratas. Segundo o autor, no passado a história americana foi marcada por uma grande desigualdade econômica e um forte “rancoroso partidarismo político”.

Para Krugman, esse movimento de paz e tranquilidade política moderada começa a ficar para trás na década de 1980. Economistas e cientistas políticos começam a documentar o processo de disparidade de classe, onde um pequeno número de pessoas avança muito, enquanto a maioria dos americanos vê pouco ou nenhum progresso econômico.

Foi na década de 1980 que, de acordo com Krugman, inicia-se um pesado fortalecimento da polarização entre democratas e republicanos, simbolizando uma diferença entre “liberal” e “democratas”. Segundo o autor, nos dias de hoje (referência ao ano do livro 2007), a desigualdade americana é tão alta quanto na década de 1920.

Para Krugman, não é possível defender que os democratas tenham se inserido de maneira intensa à esquerda em se tratando de assuntos econômicos, previdência social ou política de impostos. Afinal, ele exemplifica que, apesar de Bill Clinton ser um democrata, ele governa também “à direita de Jimmy Carter e Richard Nixon”. Já os republicanos são mais visíveis, pois “se movem para a direita, com linhas explícitas como o conservadorismo linha dura de George Bush”.

Segundo Krugman, políticas implantadas por Bush, a exemplo da tentativa de “eliminar os impostos sobre a propriedade”, levam os Estados Unidos ao que eram “antes do período progressista”. Para o autor, o “fim do bipartidarismo” começa quando o partido republicano se opõe radicalmente ao programa New Deal em 1948, quando Harry Truman venceu as eleições. Com isso, os republicanos se resignam, já que o New Deal teria chegado para ficar.

O final do bipartidarismo (uma espécie de coalização moderada entre as diferenças) proporciona a chegada de um novo movimento quando os republicanos passam a ser controlados pelo “movimento conservador radical”, que, segundo Krugman, atinge seu apogeu em 2004, quando o governo Bush tenta desestruturar o programa Social Security, considerado uma obra-prima das instituições do New Deal.

Para Krugman, nos Estados Unidos, há dois movimentos que marcam o retorno à história daquele país durante a chamada era moderna. O primeiro é um movimento econômico, onde há uma estrutura altamente desigual, mas com políticas progressistas que geram índices de “relativa igualdade”, sendo que, na atualidade, ocorre o retorno da desigualdade. O segundo é um movimento político, onde, na fase anterior ao progressismo, havia uma polarização extrema, que caminha para o bipartidarismo do pós-guerra e o retorno da polarização no atual século XXI.

Nas palavras do autor, houve uma espécie de “dança”, citando frases de cientistas como Cary, Poole e Rosenthal, onde o bipartidarismo e a desigualdade se movem como uma coisa só. Dados históricos mostram que houve um tempo em que os republicanos caminharam em “direção à esquerda, quando a desigualdade de renda declinou”, o que fez com que, nas décadas de 1950 e 1960, se produzisse o chamado bipartidarismo, onde os republicanos se movem para a direita, como é até os dias atuais.

Para Krugman, nos últimos 30 anos (1977-2007), com o avanço tecnológico e a globalização, piora a distribuição de renda nos Estados Unidos, tornando-o cada vez mais desigual sob o controle de uma pequena elite majoritária com apoio dos republicanos.

Segundo o autor, houve uma espécie de “fissura ideológica”, em que, se no passado os democratas eram liberais e os republicanos conservadores, o movimento dos republicanos em retroceder os avanços do New Deal fez com que, na prática, os verdadeiros conservadores sejam os democratas, afinal, estiveram empenhados em defender as antigas instituições que garantem aspectos da igualdade. Houve, na verdade, o “empoderamento da extrema direita”, que sinalizou para o meio empresarial atacar violentamente os movimentos sindicais, o que causou “uma drástica redução do poder de barganha dos trabalhadores”. Além disso, com o intermédio da política, colocaram limites ao aumento dos salários, reduziram impostos sobre as altas rendas, o que promoveu a desigualdade.

Neste sentido, o autor dedica um capítulo para tratar do que chama de nova economia da desigualdade. Ele aponta uma série de evidências de que o ambiente político pode ser decisivo para gerar desigualdade econômica. Aponta também que, quando os Estados Unidos sofrem uma transição da desigualdade da Era Dourada (1870-1900) para uma igualdade relativa no período do pós-Segunda Guerra, isso não é resultado de um processo gradual ou de um longo período de amadurecimento das políticas ou ajustamento do sistema. Foi, sim, resultado das políticas progressistas do governo Roosevelt, principalmente “via controle salarial”.

Para Krugman, os relatos históricos apontam que a “distribuição de renda relativamente uniforme” foi fruto das políticas da época, que persistiram por mais de 30 anos. Neste período, foram as políticas que assumiram a liderança nos Estados Unidos e não a governança de forma natural e gradativa. Para o autor, essa tendência passa a ser interrompida após a década de 1980, mas com origem em meados de 1970, quando o partido republicano, alinhado ao “movimento conservador radical”, passa a ter expressão política.

O autor aponta também que o aumento da desigualdade no período pós-1980 não é causado pelo avanço tecnológico, como apontam alguns economistas, onde o aumento da demanda por trabalhadores qualificados acabou excluindo os trabalhadores menos qualificados. Afinal, os dados da época mostram que, mesmo os trabalhadores americanos com maior grau de



escolaridade, não obtiveram ganhos significativos em suas rendas. Ou seja, sobre a desigualdade americana pós-1980, há evidências de que ela foi causada pela mudança de rumo da própria política, quando a lógica das políticas dos democratas perdeu força.

Quem ganhou com isso foram os “1% da população do topo”. O autor aponta que, no mesmo período, outras nações tiveram o mesmo resultado, principalmente as nações avançadas, como a Grã-Bretanha de Margaret Thatcher, que Krugman chama de “cópia falida”, mostrando que a mudança política pode estar no cerne dessa questão, quando se analisa o aumento da desigualdade.

Krugman mostra com detalhes como foi construída historicamente a política da desigualdade nos Estados Unidos. Inicia-se alertando que George W. Bush e Dick Cheney governaram os Estados Unidos por praticamente 50 anos, onde os meios científicos defendiam que os negros do Sul deveriam ser impedidos de votar, alegando superioridade da raça branca, que era a “mais ameaçada”. Nesse período, houve a destruição do que restou do legado de Roosevelt. Essas ações foram inicialmente comandadas por um pequeno grupo chamado de “novo conservadorismo”, que, inclusive, em “nome da igreja e da propriedade”, derrubaram um governo legitimamente eleito.

Esse pequeno movimento dos “novos conservadores” se transformou em uma grande força política do “movimento conservador radical”. O autor aponta um movimento de alteração e enrijecimento ideológico entre o passado e o presente, fato que pode ser analisado em outros países como uma tendência característica (grifo nosso).

Ou seja, no passado da política americana, até existiam políticos do partido republicano que não apoiavam totalmente as ideias dos radicais, mas, com o tempo, isso passou a ser muito raro pelas dificuldades e circunstâncias da política. A vida dos representantes políticos dos partidos ficou muito difícil se não fossem fiéis às ideologias de um grupo político. O autor cita o caso do republicano Lincoln Chafee, senador moderado pelo estado de Rhode Island, que, além de não ter sido reeleito em 2006, enfrentou uma batalha suja com seus próprios companheiros de partido.

Os membros dos radicais conservadores americanos são, segundo Krugman, “amplamente financiados” por pessoas excessivamente ricas e também por empresas que, nas palavras do autor, ganham muito dinheiro com o crescimento da desigualdade. Afinal, a mudança política proporcionada após o colapso da era progressista foi importante para o aumento da desigualdade, pondo fim, por exemplo, na tributação progressiva e na redução das políticas de bem-estar social, abrindo caminho para o capital privado prestar serviços à população antes gerados pelo estado, ou seja, o enterro do New Deal.

Um fator político importante destacado pelo autor é o fato de que o movimento radical nos Estados Unidos aprendeu com a própria história (referindo-se à derrota de Barry Goldwater em 1964) que apoiar incondicionalmente o aumento da desigualdade em detrimento de seus financiadores é um motivo de risco, afinal, ainda há eleições, e por isso, os republicanos têm ficado à margem dessa questão.

O autor cita como caso bem-sucedido essa questão o caso de Ronald Reagan, cujo discurso funcionou por mais de 40 anos. Segundo Krugman, apesar de Reagan ser considerado o expoente máximo de um típico liberal, o que realmente emplacou em seu discurso, e talvez camuflou o anseio de aumentar a desigualdade para proporcionar lucro a uma minoria (grifo nosso), foram seus apelos ligados “aos anseios culturais e sexuais”, como o medo do comunismo (fórmula antiga).

Outra exploração ideológica importante destacada por Krugman é o fato de que Ronald Reagan inaugurou uma nova era no discurso político. Uma de suas estratégias foi ascender o quesito racial entre brancos contra negros. Se antes deste período, os brancos do Sul, na sua maioria, votavam a priori em candidatos democratas por políticas sociais e econômicas mais favoráveis a eles, passaram a votar nos republicanos em função da reação dos brancos contra os movimentos pelos direitos civis. Pois, na eleição de 1980, na Filadélfia/Mississippi, três (3) ativistas dos direitos civis foram assassinados, o que gerou uma “guinada dos sulistas brancos de apoio maciço aos democratas”.

Para Krugman, as eleições de 2004, vencidas por Bush, explorando os efeitos da guerra do Iraque, sendo que um dos desejos dessa guerra foi “perpetuar a psicologia de guerra” visando sua reeleição, que de fato aconteceu. Para o autor, a ida de Bush à Casa Branca fez com que os conservadores radicais obtivessem o controle “de todas as alavancas do poder”.

O autor faz um breve relato de como se deu a dinâmica da política econômica de Bush. Repleta de nepotismo e corrupção, mas com valorização da lealdade política de seus pares. Para Krugman, diversas falhas ocorreram no governo de Bush, dentre elas o fato de que o grupo dos conservadores radicais desenvolveu políticas contrárias aos interesses da maioria dos americanos, como a destruição de benefícios sociais e distribuição de benefícios para seus aliados partidários. Meio disso tudo, fez com que os democratas vencessem as eleições de 2006 de maneira estrondosa.

O conteúdo que Paul Krugman nos apresenta sobre a história americana, principalmente entre o início do século XX até o século XXI (2007), nos permite dialogar sobre a dinâmica cíclica que aquele país convive ora coordenado pelos democratas com viés progressista, ora comandado pelos republicanos formados pelo “movimento dos conservadores radicais”. Os Estados Unidos convivem com essa oscilação histórica de poder político e de diferentes projetos econômicos, que talvez explique parte de sua própria estagnação, agravada ainda mais com a crise de 2008 (grifo nosso).

Segundo o autor, os republicanos, há algum tempo, vêm tentando traçar estratégias para distinguir o eleitorado que possui origem tanto afro-americana, hispânica e asiática, que, segundo Krugman, tem tido uma força cada vez maior nas eleições. O autor aponta que, desde a década de 1990, o eleitorado americano tem se movido à esquerda quando se trata de assuntos internos e que “raça é uma força minguante em uma nação que está se tornando, de fato, cada vez menos racista”. O autor afirma também que o assunto imigração não seria um tema de interesse para debater, pelo fato de os brancos reacionários que apoiam os republicanos não estarem dispostos a fazê-lo, justamente pela perda de capital político. Fazendo um adendo (grifo nosso), o que se viu nas eleições de 2024 foi um movimento contrário à abstração do autor naquele

momento, ou seja, uma das primeiras ações do então presidente Donald Trump foi avançar contra os supostos “imigrantes ilegais” como alegam a base do seu governo.

Paul Krugman, em sua análise sobre a história dos Estados Unidos, faz uma reflexão comparando a era pós-New Deal com o período anterior a ele, especialmente durante o governo de George W. Bush. Krugman destaca a semelhança na concentração de riqueza, usando dados históricos que mostram a estabilidade no controle da renda pelos mais ricos ao longo de décadas. Em 1920, os 10% mais ricos controlavam 43,6% da renda, e esse percentual foi mantido em 44,3% em 2005. Já os 1% mais ricos, que controlavam 17% da renda em 1920, mantiveram essa fatia em 17,4% em 2005. Apesar dessa semelhança na concentração, Krugman ressalta que o contexto econômico e social era diferente.

Antes do New Deal, os Estados Unidos eram caracterizados por uma estrutura oligárquica em que o Estado protegia rigidamente os interesses dos grandes proprietários sem qualquer política social, resultando em um nível ainda mais alto de desigualdade. No entanto, durante a administração de Franklin D. Roosevelt, com o New Deal, houve uma tentativa de reverter essa situação, criando uma sociedade mais justa e igualitária. Krugman destaca que a ação política foi crucial para isso, pois, ao contrário do que alguns sugeriam, o desenvolvimento econômico e social não ocorreria de maneira espontânea.

Krugman também faz referência ao número de bilionários nos Estados Unidos e como ele diminuiu durante o período do New Deal. De acordo com dados de 1900 a 1968, o número de bilionários caiu consideravelmente: de 22 em 1900 para 13 em 1968. Hoje, esse número voltou a crescer, com mais de 800 bilionários nos Estados Unidos. O autor traça uma linha do tempo que associa a ascensão e queda da concentração de riqueza à política econômica e social do país, principalmente com o surgimento da Era Dourada e o domínio de grandes figuras do setor de ferrovia, aço e petróleo, como John D. Rockefeller e Henry Ford.

A concentração de riqueza no pós-New Deal, segundo Krugman, está ligada à enfraquecimento dos sindicatos e à falta de organização social, o que

permitiu que os empregadores rebaixassem os salários. No início do século XX, a estrutura tributária também favorecia os ricos, com os 1% mais ricos pagando menos de 1% de impostos, enquanto em 2007 esse valor havia subido para 20%. Além disso, Krugman observa que a política da plutocracia, que dominava as campanhas eleitorais na Era Dourada, se repetiu em grande parte no período de Bush, em que grandes interesses financeiros controlavam o processo eleitoral e a política pública.

Outro ponto interessante que Krugman menciona é o comportamento político dos Estados Unidos durante a Era Dourada e o período progressista do pós-New Deal. Ele destaca como os republicanos venceram a maior parte das eleições presidenciais durante a Era Dourada e a corrupção eleitoral disseminada na época, onde práticas fraudulentas como a compra de votos e a inserção de cédulas falsas eram comuns. Krugman traça um paralelo entre a Era Dourada e a era Bush, destacando como, na atualidade, os conservadores radicais não precisaram utilizar métodos violentos ou intimidação para controlar a política, já que as elites ainda mantinham um forte controle econômico.

Além disso, Krugman discute a relação entre o antagonismo racial e os interesses econômicos. Ele aponta que, no passado, os imigrantes e as minorias étnicas eram tratados com cautela, pois a sua população tinha um grande peso nas eleições. A partir do século XX, os conservadores exploraram esses antagonismos raciais e religiosos, o que levou a uma mudança no comportamento eleitoral das populações negras e pobres do Sul, que antes apoiavam os democratas. No entanto, a divisão cultural e racial muitas vezes impediu uma oposição política que enfrentasse a desigualdade econômica.

Krugman trata a época do New Deal como a "grande compressão", quando a desigualdade foi reduzida devido às políticas progressistas de Roosevelt. Ele faz um paralelo com a década de 1950, quando os Estados Unidos vivenciaram uma era de conciliação política, com um país majoritariamente de classe média. Durante esse período, os subsídios agrícolas, que eram vistos como uma forma de socialismo, foram defendidos até por aqueles que criticavam o socialismo em outras esferas, o que demonstra a intensidade da conciliação entre as ideologias.

No geral, o trabalho de Krugman revela como os ciclos de ascensão e queda da desigualdade nos Estados Unidos estão profundamente ligados à política e às forças econômicas que moldaram a história do país. O autor mostra que, para haver uma redução significativa na desigualdade, é necessário um movimento político ativo, como foi o caso do New Deal, e que, quando as forças conservadoras ganham poder, a desigualdade tende a aumentar, favorecendo uma minoria em detrimento da maioria.

A autor lista uma série de fatos históricos que aconteceram durante o período da década de 1950:

- Aumento da população de classe média
- Diminuição da disparidade salarial entre classes
- Diminuição do número dos super ricos

No entanto, algumas coisas permaneceram:

- Racismo
- Violência contra a mulher
- Segregação no Sul

O texto de Paul Krugman aborda a trajetória econômica e social dos Estados Unidos, com foco no impacto das políticas do New Deal, a evolução da desigualdade de renda e a oposição dos conservadores a essas políticas. Krugman analisa como, ao longo da história, as discussões sobre desigualdade eram frequentemente apresentadas como um risco iminente à estabilidade econômica, com a ideia de que qualquer tentativa de combater a desigualdade causaria um colapso fiscal.

Distribuição de Renda e Políticas Progressistas: Krugman destaca como, na década de 1930, os conservadores se opunham fortemente a qualquer medida que pudesse melhorar a distribuição de renda, especialmente para os trabalhadores. Porém, Franklin D. Roosevelt e Harry Truman, com suas políticas do New Deal, conseguiram implementar uma distribuição de renda mais equilibrada, o que resultou em uma sociedade mais justa. Durante esse período, houve uma importante mudança na tributação dos ricos, o que foi crucial para a redução da desigualdade.

A Transformação Pós-Segunda Guerra Mundial: A década de 1950, segundo Krugman, foi marcada por grandes avanços na melhoria das condições de vida da classe média nos Estados Unidos. As grandes mansões dos ricos, adquiridas principalmente durante a Era Dourada, foram vendidas ou doadas devido ao medo das altas taxas de impostos sobre heranças. Isso possibilitou a construção de novos condomínios para a classe média, que agora tinha acesso a casas de 230 m<sup>2</sup>, com eletrodomésticos, algo impensável para os trabalhadores nas décadas anteriores.

A distribuição de renda também passou a ser mais equilibrada. Em 1950, o poder de compra dos 1% mais ricos era 30% menor do que nos anos 1920, e a renda dos super-ricos (0,1%) caiu cerca de 40%. Em contraste, a renda da classe média praticamente dobrou. A maioria da população passou a ter acesso a carros e telefones, e o seguro saúde, que em 1940 era de apenas 30% da população, alcançou 80% em 1966.

Impostos e a Compressão da Riqueza: Krugman discute o impacto das políticas fiscais progressivas durante o governo Roosevelt, destacando como a taxa das grandes fortunas foi um fator crucial para a diminuição da desigualdade. A taxa de imposto sobre as heranças subiu significativamente, de 24% no pós-Guerra para até 77% nas décadas seguintes. As alíquotas para os super-ricos também aumentaram substancialmente, atingindo 91% durante a Guerra Fria. Como resultado, a participação dos super-ricos na riqueza nacional caiu de 20% em 1929 para 10% em 1950.

Esse período foi caracterizado por um "nivelamento para baixo" da renda, onde a classe média se beneficiou de salários mais altos e uma maior segurança no emprego, enquanto os ricos sofreram com a alta taxa e a diminuição de sua riqueza relativa. A ascensão dos sindicatos e a proteção dos direitos trabalhistas também desempenharam um papel importante nesse processo.

A Crítica ao "Modelo Natural" da Desigualdade: Krugman critica a ideia de que a desigualdade econômica seria um processo natural, um conceito popularizado pela "Curva de Kuznets". Ele argumenta que a desigualdade não é uma consequência inevitável do desenvolvimento econômico, mas sim o resultado das políticas implementadas. Kuznets, embora tenha demonstrado

uma redução da desigualdade após a Segunda Guerra, foi usado de forma injusta por economistas do mercado para justificar uma "ordem natural" na qual a desigualdade aumenta durante o processo de industrialização e depois diminui quando a oferta de trabalhadores diminui. Krugman refuta essa visão, argumentando que a redução da desigualdade no pós-guerra foi em grande parte devido a políticas progressistas, como o New Deal, e não a um "processo natural".

O Impacto da Política de Bem-Estar Social e a Ascensão do Conservadorismo Radical: Krugman também aborda a política de bem-estar social do New Deal, que ajudou a cristalizar as conquistas econômicas e sociais para a classe média. Embora os republicanos tenham tentado reverter essas políticas, a mudança já havia sido incorporada na estrutura da sociedade americana. No entanto, a partir da década de 1980, o movimento conservador radical começou a ganhar força e a implementar políticas que favoreciam a classe rica, muitas vezes deslocando o debate sobre desigualdade para questões de raça, religião e sexualidade.

Krugman menciona o caso de ativistas dos direitos civis assassinados em 1964, destacando como a campanha de Ronald Reagan em 1980 foi marcada por um apelo a temas de segregação e direitos estaduais, em vez de focar em propostas de bem-estar social. Esse movimento conservador, focado em questões culturais e sociais, conseguiu afastar o debate sobre a desigualdade econômica, que já estava enraizado nas políticas do New Deal.

A Falta de Uma Esquerda Organizada: Finalmente, Krugman aponta que, embora a esquerda intelectual nos Estados Unidos nunca tenha sido capaz de formar uma coalizão poderosa sem o apoio de um grande partido, durante a década de 1930, as propostas progressistas eram claras. Em contraste, a direita não tinha muitas ideias além de esperar que a economia se curasse por si mesma. Os republicanos da década de 1930 eram predominantemente compostos por ricos e empresários que defendiam uma política econômica que beneficiava as elites.

Em resumo, Krugman apresenta uma visão crítica da evolução da desigualdade nos Estados Unidos, ressaltando a importância das políticas do



New Deal na criação de uma sociedade mais igualitária e questionando a ideia de que a desigualdade é um processo inevitável e natural. Ele argumenta que, para reduzir a desigualdade, é necessária uma ação política ativa, como a implementada por Roosevelt e Truman, e que a concentração de riqueza observada nas últimas décadas é um resultado das políticas conservadoras que favoreceram as elites em detrimento da classe trabalhadora.

Estratégia muito utilizada na atualidade no Brasil por exemplo na figura do empresário (grifo nosso).

Na década de 1960 os republicanos foram a maioria no congresso, Ronald Regan virou político tornando governador da Califórnia fez campanha alegando fraude na previdência da saúde, discursos contra “cabeludos e desordeiros”. Assim os republicanos passaram a explorar os medos e ressentimentos culturais emergentes a exemplo de reação violenta dos brancos contra o movimento de direitos civis. O autor mostra (página 104-107) mostra a postura racista<sup>1</sup> de Ronald Regan que apoiava a pessoa discriminar um negro ao vender ou alugar um imóvel. Uma espécie de “liberdade de expressão” da época (grifo nosso).

O fator direito civil foi muito explorado pelos conservadores radicais nos Estados Unidos que aproveitaram um espaço deixado por falhas no sistema econômico. Embora as décadas de 1950 e 1960 serem consideradas muito prósperas em termos de avanço de empregos e bem estar social, houve um aumento significativo da criminalidade o que alterou a opinião pública como foram apontados. Krugman aponta que neste período houve forte migração da população do Sul especialmente negra em direção ao norte industrial. Houve também um período de aumento da natalidade e chegando a um momento onde boa parte da população jovem era negra e do sexo masculino havendo então falta de empregos abalando e dificultando o chamado sonho colocados nas costas do boom econômico.

Na ocasião o autor cita que os sociólogos americanos não apresentaram até hoje um motivo plausível que apontam o por que do aumento ou diminuição

---

<sup>1</sup> Um ponto esclarecido por Paul Krugman é o fato de Ronald Regan apoiar o racismo nas entre linhas, ou seja, sem proferir palavras diretas nos seus discursos dava entender que apoiava a segregação. Nos dias atuais temos vistos ao contrário discursos de ódio e racista de forma explícita e infelizmente com ganhos políticos e grande engajamento nas redes sociais principalmente pelos extremistas.

da criminalidade. Foi comum segundo Krugman os conservadores alegarem o aumento da criminalidade na questão racial, alegando que os direitos civis criaram muitas expectativas que foram frustradas. Outros fatores são citados pelo autor como possíveis respostas uma delas se refere ao fato de quando ocorreu o boom econômico americano houve uma espécie de descentralização e muitas fábricas que estavam localizadas na cidade acabaram se localizando em áreas distantes, o que pode ter dificuldade para jovens pobres arrumarem trabalho próximo dos seus bairros onde residiam.

Em paralelo a isso o autor afirma que se criou na “mente dos eleitores brancos” de que a criminalidade e os distúrbios urbanos poderiam ter sido criados pela “crescente dependência da assistência social governamental”.

A partir deste ponto do livro ficou ainda mais claro o por que de o grupo político formado pelos conservadores radicais iniciaram suas campanhas eleitorais pelo discurso dos direitos civis. A impressão que fica é que os avanços econômicos e sociais proporcionado pela política e as instituições criadas por ela perdeu espaço nos debates políticos dando lugar aos discursos de segurança, violência urbana vinculando isso a política dos direitos civis adquiridos e cristalizados e fomentando o racismo. É importante destacar que o movimento dos direitos civis fez com que aumentasse a lista da previdência social de pessoas que passaram a requerer o que causou aumento dos custos do estado.

Krugman afirma se Roosevelt foi o presidente que aumentou os impostos dos ricos, Ronald Regan diminuiu, mas, nas suas campanhas utilizou discursos de cunho moral como a dos direitos civis e a questão da violência urbana.

Aproveitando as brechas do sistema Ronald Regan caminhou para estabelecer mudanças de interesse de quem o apoiaram. Segundo Krugman, a juventude americana na década de 1960 cresceu em contato a anúncios de televisão que muitas vezes iam em desacordo com os “valores tradicionais” havia neste período o movimento hippies que por sinal tem uma boa análise no livro.

Neste sentido houve também durante a década de 1960 muitas rebeliões que chamaram a atenção dos americanos inclusive de Ronald Regan que em sua campanha para governador da Califórnia prometeu empenho para

“investigar as acusações de comunismo e de má conduta sexual no campus universitário de Berkeley”. Havia inclusive fotos anunciadas em telões na campanha que mostrava um suposto baile que no final virava orgia sexual. No entanto, a investigação segundo Krugman nunca foi realizada afinal, esta narrativa era na verdade “fantasia da mente de Regan”.

Krugman relata que o movimento conservador radical possuía uma “obsessão pela vida sexual das outras pessoas” sendo isso uma prática que continuou a ser explorada em eleições posteriores o autor chama isso de “paixão primária” do movimento conservador. O autor mostra uma pesquisa que mostrava que quase 30% da população via o movimento Hípies como um perigo para a sociedade e não um perigo para eles mesmo.

O autor mostra que nas décadas seguintes os conservadores alteraram o foco se antes era o movimento hippies depois foram a criminalidade seguido pelo aborto e casamento gay. O interesse era claro inviabilizar qualquer tentativa de reaver políticas semelhantes ao New Deal.

O autor dedica um bom espaço no livro para caracterizar o “movimento conservador radical”, explorando a mudança do seu perfil em décadas diferentes. Se os conservadores na década de 1950 eram tradicionalmente homens rígidos a maioria formada por velhos e eram contrários as políticas do New Deal, os conservadores das gerações posteriores o chamados “novos conservadores” eram mais audaciosos, conheciam as estratégias midiáticas do novo momento de se fazer política e eram muito bem financiados por setores ligados ao movimento.

O autor cita a história de um componente do movimento conservador radical americano chamado Willian F. Buckley que na época lançou um livro (1951) chamado “**God and Man at Yale**” – (**Deus e o homem e Yale**), onde seu foco foi condenar a universidade que aceitava alunos adeptos ao cristianismo e ensinavam Keynesianismo. Isso tornou-o uma “personalidade nacional” sendo assim fundou em 1955 a revista “National Review” que iria posteriormente servir de meio de comunicação para divulgar as ações dos conservadores radicais – Krugman cita no caso a frase britânica de que a revista serviu como “apito de cachorro” para os adeptos ao movimento.

Inclusive o autor expõe as principais matérias da revista exemplificando notícia de que eram favoráveis para que o Sul manter limitado os direitos civis dos negros. Criticavam a universidade por que se ensinava a economia keynesiana, tributação progressiva e o estado de bem estar social.

Para que os novos conservadores chegassem ao poder precisaram encontrar uma base popular. Em 1964 sofreram “uma derrota humilhante” mas, o líder máximo do movimento Ronald Regan mostrou o caminho posteriormente onde em 27 de outubro de 1964 na campanha para governador da Califórnia proferiu estatísticas enganosas sobre o funcionalismo público, discurso da burocracia e inutilidade dos departamentos públicos. Atacou um programa familiar de ajuda a famílias com crianças dependentes que existia na época. Em seu discurso contou uma história em que uma suposta mulher teria separado no marido pois a ajuda governamental seria maior que o salário do marido. Que posteriormente a história real nunca foi confirmada “alegou ter ouvido de um juiz de Los Angeles” demonstrando nas palavras de Krugman uma “enorme insensibilidade”.

Com ajuda da revista National Review, Regan continuou proferindo seus discursos onde tocava os “preconceitos e percepções do homem comum”. Com isso conseguiu atingir grande número de pessoas dando aos conservadores uma base popular.

Nesta parte do livro Krugman expõe um pouco a “psicologia do cidadão americano”. Na ocasião cita o exemplo de que os canadenses não se perguntam porque a sua potência (país) não se impõe a sua verdade ao mundo. Já os americanos se convencem com facilidade que aqueles que ameaçam a sua soberania podem ser eliminados e quem propõe moderação em guerra é taxado como fraco e traidor. O autor aponta que os Estados Unidos é um país com um forte anticomunismo como um inimigo imaginário afinal nunca teve comunistas de expressão internos. É até mais forte do que na Europa ande lá sim há a presença de partidos comunistas forte.

Uma observação no livro é que a vitória comunista na China e a incapacidade dos Estados Unidos de impedir é vista no ato escalão americano

como traição por isso Joseph McCarthy foi derrotado segunda as palavras de Krugman.

Este longo processo transformou os politicamente marginais em novos conservadores com atuação dos empresários que possuem seus interesses:

- Indústria farmacêutica quer manter os monopólios
- Indústria de seguros querem a eliminação do sistema público de assistência social para lucrarem mais.
- Setor de energia querem eliminar as normas ambientais para avançar seus lucros,

Todas querem isenção de impostos. No inicio na década de 1950 a atuação dos empresários aos conservadores era segundo Krugman modesta apenas de cunho individual e o foco era combate aos sindicatos com o tempo foi crescendo o apoio do setor aos conservadores.

O autor aponta que foram os sindicatos no período de New Deal que forçaram o avanço das políticas de bem estar social que até então era inferior aos europeus mas, que na década de 1960 a maioria dos americanos tinham acesso a políticas de bem estar social, sendo que os benefício como planos de saúdes e seguros eram utilizados pelas empresas para atrair os melhores funcionários.

Porém, o antissindicalismo serviu como “base sólida” de apoio empresarial ao movimento conservador que fora esmagado nas décadas de 1980 quando a direita volta ao poder.

No meio dos novos conservadores havia um grupo de economistas que fizeram parte do movimento. Ligados a escola de Chicago teve como apoiador Milton Friedman que atacava a política de cunho keynesiana. Havia sociólogos e fundamentalistas do livre mercado. Sendo que por volta de 1970 nas palavras de Krugman “ser um intelectual liberal passou a ser uma boa estratégia de fazer carreira”.

Ao longo do livro Krugman menciona vários presidentes americanos do século XX. O mais famoso pelas políticas progressista, Franklin D. Roosevelt (1933–1945) cita também o governo de Harry S. Truman (1945–1953) que de

certa forma contribuiu muito para a continuidade das políticas do New Deal. Já o governo de Dwight D. Eisenhower (1953–1961) era um governo onde havia disputa ideológica, mas havia coalização política dado o enraizamento das políticas de bem estar social que estavam incrustadas na mente do eleitor.

O governo de Richard Nixon (1969–1974) segundo Krugman usou a transição para o conservadorismo radical utilizando-se das estratégias, mas, não compactuava com algumas ideias do “movimento conservador radical”. Nixon mostrou como usar questões raciais – ameaça estrangeira e outras paranoias do movimento radical para afastar os brancos da classe trabalhadora em coalização com o New Deal.

De acordo com Krugman foi Nixon que inaugurou a manipulação midiática sendo o pioneiro na intimidação. O autor cita o caso de um jovem chamado Karl Rove onde em uma das eleições de 1970 de Nixon imprimiu falsos folhetos promovendo cerveja grátis o que prejudicou os democratas diante da exploração moral dos republicanos. Krugman aponta que o jovem realizou uma série de trapagens até chegar a ser presidente do College Republicanos recebendo aplausos dos republicanos.

A partir da década de 1970 conforme afirmou Krugman inicia-se um processo de transição de um modelo pautado nas políticas do New Deal para um modelo onde haveria de avançar a disparidade social novamente como na fase anterior a década de 1930. Conforme apontou o autor do livro, embora a produtividade americana tenha aumentado 50% desde de 1973 não se tem claro se o americano típico ganhou alguma coisa. O que aumentou novamente foi a concentração de renda. Na ocasião o autor cita a analogia de que se o Bill Gates entra no bar a média da renda sobe se ele sai volta tudo como era antes.

Entre 1973 a 2005 o autor afirma que a média geral do americano médio “cresceu modestos 16%”. Sendo que a maior parte dos ganhos da elite americana estão concentradas em renda de capital ativos (ações) além de títulos da dívida pública e propriedades não vem da renda do trabalho. O autor menciona os Ceos que são os profissionais que mais ganham dinheiro.

O autor rebate que a disparidade de renda não vem do avanço tecnológico como afirmam alguns economistas tentam afirmar e nem a política do mercado

exterior, ou seja, não é pelo motivo de os Estados Unidos importa roupas de países periféricos que vai deixar de gerar renda afinal, exporta produtos de alto valor agregado a países da periferia. No geral o autor afirma que exportar aviões beneficia os trabalhadores de alta renda que tem trabalho. Importar roupas e calçados prejudica os trabalhadores de baixa renda do país que limita o seu mercado de trabalho.

São alegações sem consistência quando na verdade o verdadeiro motivo foram as mudanças nas instituições responsáveis por proporcionar a igualdade relativa de renda durante o período progressista. Uma delas foi o enfraquecimento dos sindicatos como já mencionado na presente resenha. O autor cita uma relação comparativa de atuação dos sindicatos passado e presente onde no passado as empresas a exemplo das automobilísticas procuravam atender as demandas dos trabalhadores a fim de pacificar os trabalhadores.

Outro fator é que as empresas no passado tinham todo um cuidado para não pagar altos salários para o topo da pirâmide ou não fornecer aumento em momentos de altos lucros da empresa evitando colocar em “risco as relações trabalhistas”. Tanto que se em 1973 - 39% dos trabalhadores eram sindicalizados nos Estados Unidos em 2005 este percentual caiu para 13%.

Cresceu a partir da década de 1973 a chamada política da desigualdade. Krugman relata com vários detalhes o motivo que o governo Clinton fora denunciado para o impeachment. Na verdade não foi a imoralidade de Clinton o motivo, afinal, o autor aponta que o denunciador (político Gingrich mantinha um caso extraconjugal no mesmo período com uma das suas subordinadas. O que estava em jogo era avançar ainda mais na destruição dos resquícios que as políticas do New Deal a exemplo o corte de recursos do Medicare que foi um histórico programa.

Uma interrogação importante que Paul Krugman faz na parte final do livro é como os republicanos venceram tantas eleições com agenda impopular a exemplo de reduzir impostos dos ricos e cortar benefícios dos pobres e da classe média. Para Krugman Ronald Regan ensinou como disfarçar ideias elitistas com

retórica populista. O que os republicanos fizeram foi a radicalização e o disparo de “armas de distração em massa”.

Krugman cita um trecho do livro de Thomas Frank de 2004 onde ele traça um perfil geral do eleitor pobre americano, ou seja, mostra que o truque de votar para acabar com o aborto e em troca recebem a diminuição dos impostos dos ganhos de capital nunca envelhece. Outro fator já citado foi a questão racial transferindo o voto do branco pobre do Sul aos Republicanos. Outros fatores como a segurança pública com aumento da criminalidade (já mencionado) acabou criando a constatação social de os democratas serem fracos inclusive explorando o caso de 11 de setembro.

Na parte final do livro Paul Krugman faz uma série de apontamentos de como se encontrava a situação americana naquele momento. Inclusive mostra em certo momento um otimismo de apontar certo declínio das estratégias políticas de cunho racista. Inclusive mostra que nas eleições de 2006 este discurso causou prejuízos aos republicanos. Mostra na página (253) evidências sobre a aceitação do casamento entre negros e brancos. No entanto, esta questão precisa de muita vigilância eternamente.

Krugman mostra como seria importante o retorno de parte das políticas de bem estar social. O autor aponta que os Estados Unidos é um dos poucos países desenvolvidos que não garantem assistência a saúde para a sua população. Nos Estados Unidos a assistência a saúde é realizada pelo setor privado e a população depende muito do seguro saúde. O autor mostra por exemplo que os Estados Unidos gastam o dobro em assistência a saúde (custo por pessoa) do que países como Canadá – França – Alemanha e Grã Bretanha e tem pior expectativa de vida entre os países citados.

O autor aponta como as seguradoras estimulam a intervenção e não cobrem custo de prevenção. Cita o exemplo de as seguradoras não pagarem tratamento preventivo de diabetes, mas cobrem a amputação de pé. Sem contar que existe um problema por não ter um programa de saúde pública os custos dos planos de



saúde a partir dos 65 anos inviabilizando. O que faz com que as pessoas migrem para o programa Medicare que é público<sup>2</sup>.

Na visão de Krugman são os liberais (da porteira pra dentro – grifo nosso) que querem o retorno dos Estados Unidos como um país de classe média. Já os conservadores radicais querem o retorno da era dourada. Se os liberais americanos defendem as instituições com papel no desenvolvimento da sociedade a exemplo do Medicare e o Social Security os conservadores querem a privatização. Se os liberais querem honrar os princípios democráticos os conservadores “querem poder ditatoriais”.

O autor mostra que a velha guarda dos republicanos que até faziam coalização em prol de avanços sociais, perdeu força dando lugar ao que ele chama de “conservadores modernos” que se colocam contra a todos os artifícios do New Deal. A ascensão do “movimento conservador radical” sempre colocou em risco as instituições que geraram no passado uma relativa igualdade social nos Estados Unidos.

Krugman aponta que nos últimos 15 anos (1992-2007) houveram tentativas de privatizar o Social Security a exemplo do governo Bush – assim como o programa Medicare. O autor cita Stevenson onde descreve o movimento radical nos Estados Unidos como “partido dos imprudentes e amargurados”.

O autor mostra que a atitude antidemocrática é antiga nos conservadores, agem com truculência e desprezam pessoas com fé diferente e até mesmo de diferente preferência sexual das deles. Se os liberais na atualidade estão sempre tentando aumentar os direitos civis os conservadores a todo o momento “tentam impedir alguns cidadãos de votar”.

### **3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente resenha tenta elementar as principais ideias e pontos elaborados no livro de Paul Krugman ‘A consciência de um liberal’. Apresenta um diagnóstico primoroso com muitos detalhes e com excelente cronologia em

---

<sup>2</sup> Na página 272 do livro há uma tabela com os dados onde pode ser consultado para a confirmação e ampliação da análise.

relação a história política e econômica dos Estados Unidos entre a década de 1920 a 2006.

Para além do conteúdo do livro, entendemos que a leitura pode ser extremamente útil para compreender a atualidade geopolítica mundial, onde está em curso uma disputa hegemônica entre duas grandes potências – Estados Unidos e China. Para isso, é necessário, além de entender como a China montou e desenvolveu seu projeto nacional, compreender como ele culminou em uma potência que vem, dia após dia, mostrando ao mundo que a superioridade tecnológica e estrutural não é mais hegemonicamente exclusiva e pertencente ao Ocidente. A China vem mostrando ao mundo os frutos de seu projeto recente, iniciado por volta de 1949, que, sem oscilação ideológica, vem expandindo seu domínio tecnológico e poder de mercado.

Além disso, para entender a atual dinâmica geopolítica mundial desta grande disputa, é importante entender também como os Estados Unidos perderam força em termos de hegemonia absoluta. O livro de Paul Krugman traz elementos importantíssimos de aproximadamente 87 anos de história política e econômica, onde a oscilação de domínio de poder, dividida entre republicanos e democratas com projetos opostos, oscilava suas estratégias, dificultando a consistência de seu projeto nacional. Isso pode ser um dos indicativos de que a perda da hegemonia relativa pode estar próxima.

#### 4- Referência bibliográfica

KRUGMAN, Paul. A consciência de um liberal. São Paulo: Record, 2010. Tradução de Alexandre de Oliveira Kappaun e revisão de Ricardo Doninelli Mendes.